

DESCRIÇÃO SÊMICA DE ALGUNS PARASSINÔNIMOS DO VERBO ANDAR, NUMA ABORDAGEM CONTRASTIVA PORTUGUÊS/RUSSO

EDGARD JOSÉ CASAES
EDILVIA MARIA TRAVAGLIA
Universidade de São Paulo

Resumo:

Os autores se propõem a análise de algumas relações entre significado e significante, tendo como base o modelo de Pottier – que é descrito – e contribuições de Baldinger, atendo-se mais especificamente ao caso dos parassinônimos de alguns verbos em português e russo. A partir dessa abordagem, procuram reformular aquele modelo, a fim de que dê conta da análise contrastiva dessas duas línguas, partindo da análise sêmica dos parassinônimos: *andar, viajar, voar* e *navegar*; *iékhât' / iézdit'*, *plít' / Plávat, lietét' / lietat'*.

Résumé:

Les Auteurs se proposent d'analyser quelques relations entre signifiant et signifié, en se fondant sur le modèle de Pottier et aussi des contributions de Baldinger. Ils retiennent particulièrement le cas de certains parasynonymes de quelques verbes, en portugais et en russe. Dans cette approche, ils cherchent à reformuler ce modèle, pour essayer de rendre compte de l'analyse contrastive de ces deux langues, à partir de l'analyse sémique des parasynonymes: *andar, viajar, voar* e *navegar*; *iékhât' / iézdit'*, *plít' / Plávat, lietét' / lietat'*.

I – INTRODUÇÃO

No presente trabalho, propõe-se a análise de algumas relações entre significado e significante, tomando como base o modelo proposto por Pottier, em seu livro “Linguistique Générale – Theorie et Description”, especificando a situação parassinonímica na linguagem.

A proposta é de tentar estabelecer a análise contrastiva, pela perspectiva do parassinônimo, a fim de estabelecer a distinção de “visões de mundo” de uma e outra língua, em alguns campos semânticos.

Apresenta-se a proposição de Hjelmslev a respeito da concepção da significação dentro do contexto. Dentre os modelos para a análise da estrutura dessas significações, o de Kurt Baldinger parece ser o mais profícuo, a teoria dos campos semasiológicos e onomasiológicos. Atendo-se mais especificamente a este último, onde é examinado o fenômeno da parassinonímia, xecando-o em suas várias manifestações; procurando demonstrar que a preocupação do grupo foi a de conduzir e dar elementos precisos para a análise sêmica da IV parte deste trabalho, em que se faz o exame contrastivo da “visão de mundo” entre a língua portuguesa e a russa, sob o prisma da parassinonímia. Análise essa baseada em alguns campos semânticos de uma e outra língua.

Desse exame contrastivo nasceu, apesar da insuficiência do *corpus* analisado, algumas contribuições no sentido de ampliar o modelo de análise dos parassinônimos proposto por Pottier.

II – SIGNIFICAÇÃO

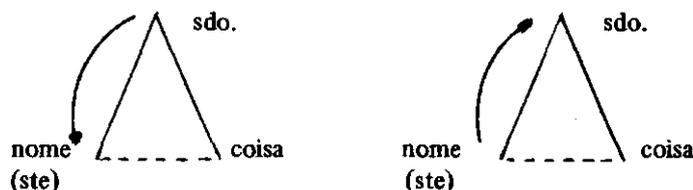
Como se pode conceber e figurar o problema da significação?

“As significações ditas léxicas de certos signos são sempre apenas significações contextuais artificialmente isoladas ou parafraseadas. Considerado isoladamente, signo algum tem significação. Toda significação de signo nasce de um contexto de situação ou um contexto explícito, o que vem a dar no mesmo..” (1)

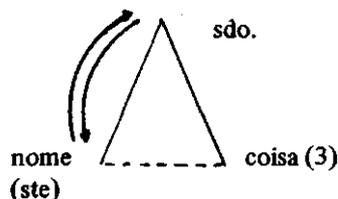
“Por conseguinte, para este lingüista, a significação decorre do contexto e só existe com relação a ele. Contudo, a prática lexicográfica secular do mundo ocidental considera os signos isoladamente – embora um ou outro dicionário cite exemplos no contexto”. (2)

Pode-se dizer mesmo que, entre os modelos propostos para a análise da estruturação do significado, um dos mais profícuos é a teoria dos campos semasiológicos e onomasiológicos, de Kurt Baldinger.

Um campo onomasiológico representa a face das designações, compreende todos os significantes (designações, nomes) de um dado significado. Inversamente, um campo semasiológico representa a face das significações, compreende todos os significados possíveis que possam traduzir um determinado significante (nomes). Figurativamente:

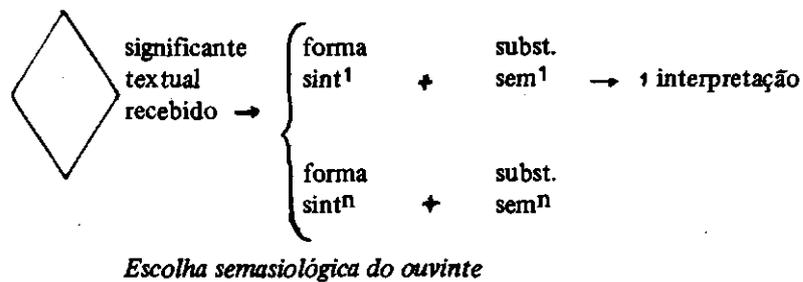
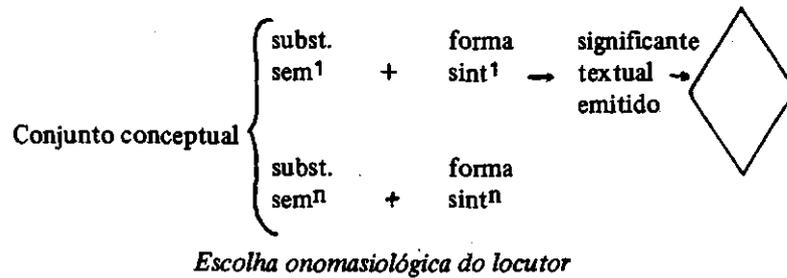


Assim, a onomasiologia e a semasiologia constituem dois tipos de enfoques do fenômeno léxico-semântico, opostos e complementares



Detendo-se mais no enfoque onomasiológico, uma vez que o fenômeno parassinonímico (Pottier) ou hiponímico (Lyons) é onomasiológico, pode-se dizer que é a investigação, a partir de um estímulo, da substância e da forma mais apropriada para representá-lo. Cada locutor a todo momento tem a possibilidade de escolher entre diversas soluções que são de modo geral equivalentes. Dessa forma, caracterizam-se as lexis parassinonímicas. São inúmeras quando se trata de uma realidade nova, *a nave espacial, a cosmonave, a astronave, o veículo espacial*.

No semasiológico, o ouvinte recebe uma mensagem única, na qual os elementos e suas combinações são susceptíveis de várias interpretações.

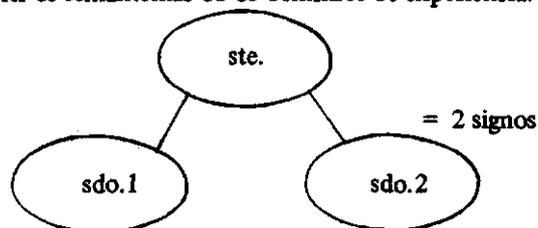


A primeira orientação, para o ouvinte, é a identificação do domínio conceptual no qual se situa a mensagem recebida: por isso as confusões são raras entre o *banco* (comercial) e o *banco* (assento) e mais frequentes entre a *cozinha* (função ou arte) como em "A *cozinha* toma-lhe muito tempo" (Pottier: 1972, 130).

Segundo, ainda, Pottier, as relações entre significado e significante podem ter as seguintes análises:

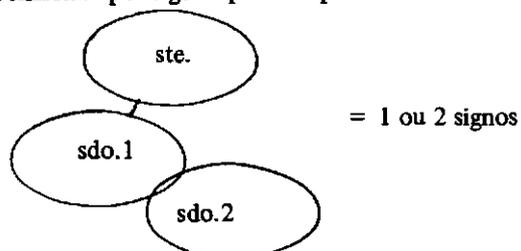
1. *Relação 1 ste. e vários sdos.*

a) Homonímia. Um mesmo significante tem vários sememas sem encobrir os semantemas ou os domínios de experiência.

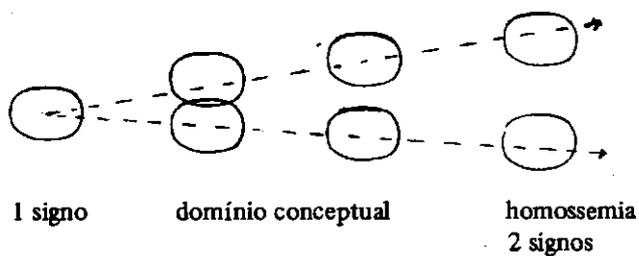


b) Polissemia. As relações de sememas podem se situar sobre um conteúdo, além da intersecção muito forte ou um simples contato. Há,

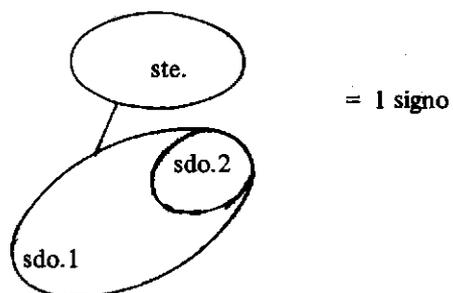
com efeito, um dinamismo, ligado a história da língua, no caráter de relação. Uma polissemia pode gerar pouco a pouco uma homossemia.



Figurativamente o dinamismo:



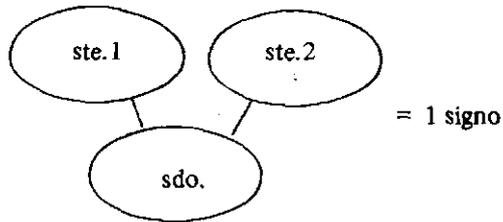
c) Metaforização. É um caso particular da polissemia. Ocorrendo uma redução do semema, mas ganha outros significados.



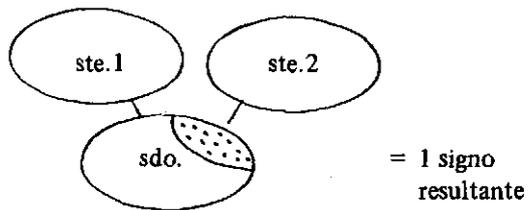
2. Relação 1 sdo. e vários stes.

a) Polimorfismo. Dentro do polimorfismo, as variantes de ste. se fazem ao nível do gramema e do lexema.

Seja num ou noutro caso, as variantes combinatórias estão em distribuição complementar.

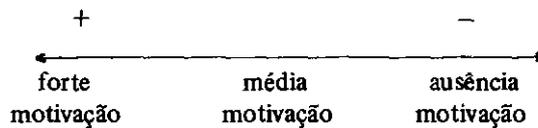


b) Metonimização. Pode ser do tipo “a parte pelo todo”, donde resultará novo signo.



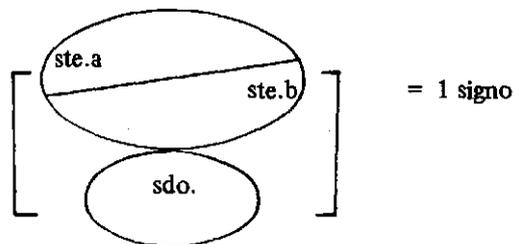
c) A motivação do significante.

O significante, por sua estrutura, pode evocar qualquer coisa do significado, ou demandar um conhecimento direto. Podendo haver, ainda, a distribuição destas motivações ao longo de um eixo de significação.



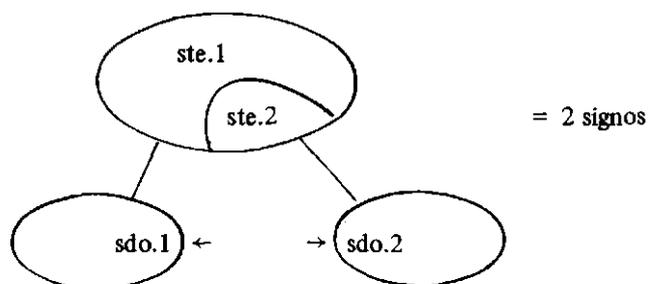
É o caso de várias comunidades onde a língua está muito ligada à experiência (etnolingüística).

Esquemmatizando a idéia da motivação do ste.:

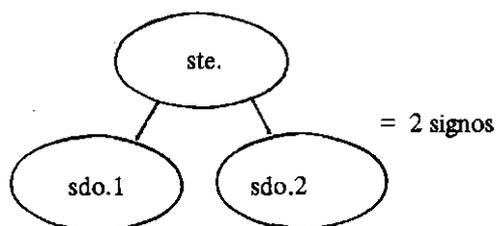


3. Afinidades de significante.

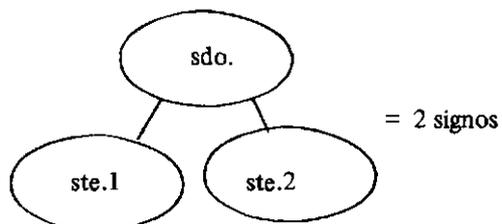
Dentro destas, temos a parassinonímia, que pode trazer algumas confusões de significado, uma vez que os significados são compatíveis.



Em certos casos, a parassinonímia pode ser entendida como homossemia. Homossemia total, enquanto lexical, não apresenta muita dificuldade de entendimento do significado, uma vez que há identidade de significante.

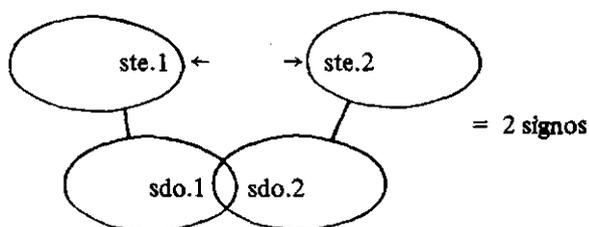


A dificuldade se apresenta ao nível dos gramemas, onde temos – ao menos em língua portuguesa – num só significado (*plural*) 2 significantes (*s, es*).



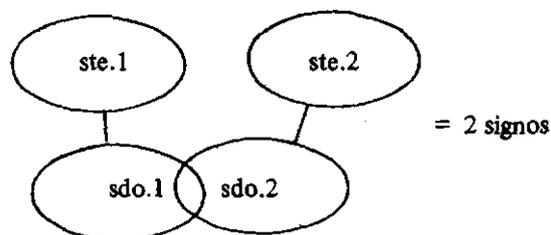
Há dificuldade, também, quando se trata de homossemia parcial, que apre-

seja 2 significantes distintos, com intersecção de significados, confundindo-se aqui com a parassinonímia.



4. Afinidade de significado

É o caso mais importante e frequente da parassinonímia.



Sobre este caso, far-se-á análise mais pormenorizada, mais adiante (i.e., na III parte do trabalho).

III – HIPONÍMIA. PARASSINONÍMIA.

A relação de sinonímia pode ter mais de uma abordagem. De um lado, apresenta-se Lyons, com a sugestão de “hiponímia” e de outro Pottier, com a “parassinonímia”.

Abaixo, descreve-se um resumo da proposta de Lyons, sobre a hiponímia.

Hiponímia é um termo novo, criado por analogia à sinonímia e à antonímia, mas a concepção não é nova, e, em lingüística, é um dos sentidos de inclusão. Pode-se dizer, por exemplo, que o sentido *escarlate* está incluído no sentido de *vermelho*, o de *tulipa* no de *flor*. Esta relação de

inclusão de um termo específico num termo geral foi formalizada por certos semanticistas, com ajuda da lógica das classes...

A introdução do novo termo técnico, hiponímia, permite deixar inclusão à teoria da referência e a sua formalização, em termos da lógica de classes...

Uma razão mais importante de substituir o termo inclusão reside na ambigüidade desta última palavra. Em um sentido, o termo geral é mais inclusivo do que um termo específico, logo *flor* é mais inclusivo do que um termo específico, logo *flor* é mais inclusivo do que *tulipa*. Mas de um outro ponto de vista, o termo específico é mais inclusivo, logo *tulipa* é mais inclusivo do que *flor*...

Essa diferença de ponto de vista corresponde à distinção que faz a lógica tradicional, bem como certos traços semânticos entre a extensão e a compreensão de um termo. A extensão de um termo designa a classe de entidades às quais se aplica ou se refere o termo em questão. A compreensão de um termo é um conjunto dos atributos (semas) que caracterizam toda entidade à qual o termo pode ser aplicado. A extensão e a compreensão são inversamente proporcionais a outra, quanto maior for a extensão de um termo mais restrita será a compreensão do termo.

Pode-se definir a hiponímia em relação à implicação unilateral; assim, dizer que "*x é escarlate*" implica "*x é vermelho*", enquanto que a implicação inversa geralmente não se aplica...

Pode-se definir a sinonímia em função da implicação recíproca ou equivalência... (Lyons: 1978)

Após esta sucinta exposição do pensamento de Lyons sobre relação de significados (hiponímia), cabe justificar, aqui, o porquê de ter-se optado pela abordagem que faz Pottier.

Pottier trata em seu livro já citado, do mesmo assunto, muito embora, com nuances diferentes e de maneira mais detalhada, mais abrangente e mais aberta, por assim dizer, do que Lyons. Daí, reafirma-se o porquê de se ter optado pelo modelo proposto por Pottier, e dar uma pequena amostra do que venha a ser a relação de significado, adotando inclusive a sua nomenclatura, *parassinonímia*.

A partir do princípio de que não existem sinônimos perfeitos numa língua, (uma vez que é sempre possível determinar uma diferença entre dois termos, nem que seja através de sua frequência no discurso, seu registro de emprego, sua conotação, etc.), foi sugerido o uso do termo parassinônimo, em substituição ao de sinônimo (Lobato e outros: 1975).

Parassinonímia, como já se disse, é o caso mais importante e frequente de *afinidade de significado*.

Assim, pode-se dizer que há parassinonímia:

- a) Variantes distribucionais
 - “o número de um sapato”
 - “o manequim de um vestido”
 - “o colarinho de uma camisa”

Há uma relação parassinonímica nos exemplos acima no que tange à *dimensão*.

- b) Paráfrase cultural.
 - “Cristóvão Colombo: ao descobridor da América”.
 - “O Leão: rei dos animais”.
 - “Inaugurar: cortar a fita”.
 - Nota de Cr\$ 1.000,00: “Barão”.

A formação destas parassinonímias está diretamente ligada à cultura de um povo.

- c) Diferentes visões.

Estas surgem em função da relação entre os lexemas, no enunciado. Podendo haver escolha das designações, das relações, das formulações, das formas.

- c.1) Escolha das designações.

A um conceito correspondem em geral diversos signos, cujo semema pode convir.

/presidente/	presidente, chefe de governo, chefe de estado, primeiro mandatário;
/morrer/	morrer, falecer, perder a vida, perecer, bater as botas;

c.2) Escolha das relações.

Pode conter as relações de voz, actância e adjetivação.

c.2.1) Voz.

São muito importantes as diferentes visões associadas aos esquemas conceptuais da relação de predicação, atributivo, ativo, transitivo e ativo intransitivo.

Para se dar uma idéia mais precisa da formação deste tipo de parassinonímia, utilizar-se-á de um quadro esquemático:

visões	em 1	em 2	em 3
/Paulo/ /jovem/	Paulo é jovem	(A) Juventude de Paulo	—
/Paulo/ /construiu/ /casa/	Paulo constrói uma casa	(A) construção de uma casa por Paulo	Uma casa é construída por Paulo
/Paulo/ /chegou/	Paulo chega	A chegada de Paulo	—

c.2.2) Actância.

Num mesmo texto podem haver diferentes visões dos fatos pela actância empregada no enunciado.

“Estender as hostilidades ao Camboja”

“Estender a guerra até o Camboja”

(título) *“Dirigi-se a Brasília o governador do Estado”*

(texto) *“Foi para Brasília o governador do Estado”*

A é o relator extensivo (*até* põe em relevo o termo do processo, e *para* o início do processo).

c.2.3) Adjetivação.

A forma da adjetivação do enunciado provoca visões diferentes dos fatos.

Paulo arranjou as coisas *diplomaticamente*,
aliás, ele faz tudo *com muita diplomacia*.

d) Escolha das formulações.

Pode-se ter visões diferentes dos fatos, também, ao fazer a formulação do enunciado.

Pedimos aos nossos amáveis clientes *aguardem*
a chamada de seu número.

Pedimos aos nossos amáveis clientes *aguardar*
a chamada de seu número.

Pedimos aos nossos amáveis clientes *aguardarem*
a chamada de seu número.

Passageiros do voo 112 *queiram passar* pelo
portão 13...

Passageiros do voo 112 *passem* pelo portão 13...

Passageiros do voo 112 *passar* pelo portão 13...

e) Escolha das formas.

Ainda que sejam idênticas as substâncias e as relações de substância, pode-se escolher entre diferentes formas de conteúdo (o outro elemento do significado).

significado

substância do conteúdo forma do conteúdo

“Renunciaram devido *aos obstáculos que opôs*
o governo ao exame da situação”.

“Renunciaram devido a *que o governo opôs*
obstáculo ao exame da situação”.

(adjetivação de uma parte do enunciado, ou nominalização de todo o enunciado).

“*limitação* das despesas militares *decidiram*
os chanceleres”.

“*limitar* suas despesas militares *resolveram*
os chanceleres”.

(categorização nominal ou verbal).

atitude *beligerante*

atitude *de beligerância*

(categorização adjetiva ou substantiva) (4)

IV – DESCRIÇÃO SÊMICA. ANÁLISE CONTRASTIVA

(vide quadro página 106)

Analisando o quadro apresentado, tem-se dados marcantes, no que se refere as diferentes “visões” que têm o português e o russo, a respeito de “fatos” apresentados pelos verbos propostos para a tentativa de demonstrar alguns possíveis parassinônimos, resultantes da análise sêmica. Enquanto em português, diz-se “andar de”, i.e., usa-se o instrumento, fazendo recair a ação no próprio indivíduo; em russo, a ação recai sobre o instrumento. Para que esta idéia fique mais clara, exemplifica-se: em russo, o avião voa, o navio nada; em português, eu vôo, eu navego.

Os parassinônimos apresentados nesse quadro mostram o contraste entre português e russo, no tocante aos verbos de movimento, pois, em português, o verbo não carrega em si a preocupação de indicar direção, seja unidirecional ou pluridirecional. A direção poderá vir a ser expressa por relatores (conjunção, preposição, verbo ser). Ao passo que, em russo, estas diferenças são bem marcadas e implicam em mudanças do próprio significado, se se usa um verbo pelo outro.

“*Iékhat’* ” (andar de condução para local determinado, “*Iézdít’* ” (andar de condução para local indeterminado). *Iékhat’* exprime movimento determinado, unidirecional; enquanto *Iézdít’* exprime pluridirecionalidade, tendo inclusive, como uma de suas modalidades, a idéia precisa de ida e volta.

Ao dizer-se: *On iédit damói* (ele está indo de condução para casa) exprime-se a idéia de momento, ou seja, algo que está ocorrendo naquele exato momento, com uma única direção. Na frase: *On iézdít damói* (ele vai habitualmente de condução para casa) implica na idéia de habitualidade, que pode ser expressa pelo advérbio *kájdii diem* (todo dia) na idéia de ida e volta, como também, para expressar a idéia de várias direções, como na frase: *Anna iézdila pa úlitse* (Ana ia de condução pela rua).

Todo esse fato, do próprio lexema ter tais indicações, ocorre, em virtude de uma língua tender ao paradigmático (russo) e a outra ao sintagmático (português).

Outra diferença reside no fato de que os verbos *iékhat’/iézdít’* carregarem em si o sema de “veículo” (ônibus, automóvel, trem, cavalo,

QUADRO DE DESCRIÇÃO SÊMICA – PORTUGUÊS/RUSSO

verbo \ semas								
	de avião	de navio	de ônibus	no ar	na terra	na água	determinado	indeterminado
andar	+	+	+	+	+	+	-	-
viajar	+	+	+	+	+	+	-	-
voar	+	-	-	+	-	-	-	-
navegar	-	+	-	-	-	+	-	-
<i>iêkhat'</i>	+	+	+	+	+	+	+	-
<i>iézdít'</i>	+	+	+	+	+	+	-	+
<i>plít'</i>	-	+	-	-	-	+	+	-
<i>plávat'</i>	-	+	-	-	-	+	-	+
<i>lietêt'</i>	+	-	-	+	+	-	+	-
<i>lietat'</i>	+	-	-	+	+	-	-	+

* ('') corresponde ao abrandamento do fonema precedente, que em russo é expresso por um sinal gráfico (Ѣ).

trenó, etc.). *Liétat'* (voar, pluridirecional), *lietiét'* (voar, unidirecional); *plít'* (nadar, unidirecional), *plávat'* (nadar, pluridirecional) são específicos, aquele para voar, viajar de avião, este para nadar, viajar de navio. Nesse aspecto, o português tem o mesmo verbo andar, viajar, que se aplica a qualquer um desses semas "de avião", "de navio", "de ônibus", sendo de extrema necessidade a presença dos mesmos, para que se complete a significação.

Na frase "viajarei hoje", não se tem dado nenhum a respeito do como se vai viajar, se de ônibus, de avião, de navio, etc., daí a necessidade de especificar o tipo de veículo utilizado; já em russo, se se diz *Cf-vódnia iá iédu* (hoje eu viajarei) há implícita a idéia de viajar em veículo qualquer.

Uma outra acentuada diferença reside no fator *seqüência e simultaneidade de ação*, que leva a usar obrigatoriamente, para expressar esses dois tipos de ação, em russo, o determinado pelo indeterminado, constituindo-se, assim, em mais dois semas diferenciais, em relação ao português, que não apresenta um verbo específico para exprimir cada uma dessas ações.

Uma vez que tais semas só ocorrem em russo, a seguir, descrevem-se alguns exemplos.

Indeterminado

1 — pluridirecional:

Diéti iézdít pa úlitse (As crianças andam de condução pela rua).

Lódka plávalet pa ózieru (O barco navega pelo lago).

Samaliót lietáiet nad górodom (O avião voa sobre a cidade).

2 — habitualidade:

Liétom mói druziá iézdíat na iúg (No verão meus amigos viajaram para o sul).

Kájdii diém éti diéti plávaiut bístra (Todos os dias estas crianças nadam rapidamente).

Liétom ptítsi lietáíut na iúg (No verão os pássaros voam para o sul).

3 — locução verbal:

Iá liubliú iézdít v shkólu (Eu gosto de ir à escola).

Nújna plávat k biériegu (É preciso nadar para a margem).

Mói brat khóちiet lietát na samaliótie (Meu irmão quer voar no avião).

- 4 – ida e volta:
On iézdít damói (Ele vai (e vem) para casa).
Tiplakhód plávalet v Rio (O navio a vapor nada (navega) para o Rio).
Samaliót liétálet v Leningrád (O avião vai (voa) para Leningrado).

Determinado

- 1 – unidirecional:
On iédiet damói (Ele está indo para casa).
Lódka pliviót k biériègu (O barco nada para a margem).
Ptítsi lietiát na iüg (Os pássaros estão voando para o sul).
- 2 – simultaneidade:
Kogdá aná iékhala k padrúguè, aná tchítála knígu (Quando ela estava indo para casa da amiga, estava lendo o livro).
Kogdá lódka plíl, shol dojd (Enquanto o barco navegava, chovia).
Kogdá mál'tchik liètiél, on bríkmul (Quando o menino voou (de avião), gritou).
- 3 – seqüência:
Tudá mí iékhali na miétrò, a abrátna iékhali na taksi (Para lá nós íamos de metrô, e na volta de táxi).
Snatchála aní plíli na lódkie, a patòm na tiplakhódie (No início eles navegavam no barco e depois no navio).
Étot samaliót liétít nád móriem, a abrátna liètt nad górodom (Este avião voa sobre o mar e na volta sobre a cidade).
- 4 – momento da ação:
Citchás mí iédièm damói (Agora nós estamos indo para casa).
Citchás lódka pliviót k biériègu (O barco está nadando para a margem).
Citchás ptítsi lietiát na iüg (Os pássaros estão voando para o sul).

QUADRO COMPARATIVO PORTUGUÊS/RUSSO

andar de ônibus	<i>iêkhat'</i>	determinado
viajar de ônibus	<i>iézdít'</i>	indeterminado
andar de navio	<i>plít'</i>	determinado
viajar de navio		indeterminado
navegar	<i>plávat'</i>	indeterminado
nadar		indeterminado
andar de avião	<i>lietiêr'</i>	determinado
viajar de avião		indeterminado
voar	<i>lietát'</i>	indeterminado

determinado:

- 1 – unidirecional.
- 2 – simultaneidade de ação.
- 3 – seqüência de ação.
- 4 – momento em que ocorre a ação.

indeterminado:

- 1 – pluridirecional.
- 2 – habitualidade.
- 3 – locução verbal.
- 4 – ida e volta.

As visões determinado (pluridirecional, habitualidade, locução verbal, ida e volta), indeterminado (unidirecional, simultaneidade, seqüência, momento de ação), que existe em língua russa, demonstra que o quadro de parassinonímia, proposto por Pottier, deveria ser ampliado.

Quanto à ocorrência de parassinonímia de sub-sistema, registro, pode-se dizer que há nas duas línguas.

O nível de linguagem pode variar de grupo para grupo social, de indivíduo para indivíduo. Em português, a linguagem popular diz “andar de avião” por viajar ou voar de avião. Em russo, a linguagem popular usa o determinado pelo indeterminado *On iékhát’ na mototzíkíe*, usa *iékhát’* por *iézdít’*.

Quanto à ocorrência de parassinonímia de sub-sistema, tecnicidade, pode-se dizer que há nas duas línguas. O mesmo significado pode ser expresso em contextos diferentes, com maior ou menor tecnicidade do que “viajar de avião”, ou ainda mais em “voar”, termo este que é bem próximo da aviação, como se pode constatar na linguagem dos comandantes de vôo, nas propagandas, etc.. Em russo, *iézdít’ (iékhát’)* sendo o mais genérico, usa-se para andar, voar e navegar. A forma mais técnica seria (*iékhát’*) *iézdít’* para transporte terrestre; *plít’ (plávat’)* para o aquático e *lietiét’ (lietát’)* para o aéreo.

Quanto à ocorrência de parassinonímia de variantes distribucionais no sistema, estes surgem ao nível de sistema (código lingüístico), assim, o que permite tratar como parassinônimos os verbos levantados, por conter o arquissistema “locomover-se”. O mesmo ocorrendo em russo (vide quadro página 106).

V – CONCLUSÃO

É possível, logo de início, concluir que o modelo de análise de parassinonímia, proposto por Pottier, não cobre campos semânticos da língua russa, conforme os dados levantados neste “corpus”, daí a necessidade de que venha a ser ampliado, em função da língua em questão.

A partir desse contraste efetuado, pode-se dizer que há “visões de mundo” em uma e outra língua com grande intersecção, como no caso do social e no da tecnicidade, pois as distinções que fazem o português

e o russo, no uso do verbo, chegam a demonstrar *quase a mesma* experiência. Em outros aspectos há disjunção, como é o caso da determinação, da simultaneidade de ação, que são próprias do russo, não pertinentes ao português.

Ressalte-se que o contraste, examinado a partir de alguns verbos de movimento, demonstra que a língua portuguesa não apresenta a preocupação de indicar direção (para uma ou várias) no próprio lexema do verbo, a direção pode vir a ser expressa por relatores, enquanto na língua russa estas diferenças são marcantes, implicando mudanças de significado, se usado um verbo por outro.

No entanto, para se poder ter uma análise mais detalhada da "visão de mundo" numa e noutra língua, sob o prisma do parassinônimo, necessita-se de um "corpus" mais ampliado. Acredita-se mesmo que o exame dessas características dentro de um universo fechado, em muito contribuiria para tal exame.

NOTAS:

- (1) Hjelmslev, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*, p. 50.
- (2) Biderman, M.T.C. *Teoria Lingüística*, p. 145.
- (3) Baldinger, K. *Teoria Semântica*, p. 119.
- (4) Pottier, B. et alli. *Estruturas Lingüísticas do Português*, pp. 122-127.

BIBLIOGRAFIA:

- BALDINGER, K. – *Teoria Semântica*, Ediciones Alcalá, Madrid, 1977.
- BENVENISTE, E. – *Problemas de Lingüística Geral* (trad. de M.G. Novak e L. Neri), Cia. Ed. Nacional/EDUSP. São Paulo, 1976.
- COSERIU, E. – *Teoria Del Lenguaje y Lingüística General*, Ed. Gredos, Madrid, 1969.
- – *Princípios de Semântica Estrutural*, Ed. Gredos, Madrid, 1977.
- GENOUVRIER, E. e PEYTARD, J. – *Lingüística e Ensino do Português* (trad. de Rodolfo Illari), Liv. Almedina, Coimbra, 1974.
- HJELMSLEV, L. – *Prolegômenos a uma Teoria da Linguagem* (trad. de J. Teixeira Coelho Netto), Ed. Perspectiva, São Paulo, 1975.
- LOBATO, L.M.P. et alli – "A Análise sêmica na Aprendizagem de uma Língua Estrangeira" in: *Análises Lingüísticas*, Ed. Vozes, Petrópolis, 1975.
- LYONS, J. – *Éléments de Sémanitique*, Larousse, Paris, 1978.
- POTTIER, B. et alli – *Estruturas Lingüísticas do Português*, Ed. Européia do Livro, São Paulo, 1972.
- – *Linguistique Générale*, Klincksiek, Paris, 1974.
- REY, A. – *Théories du signe et du sens*, Klincksiek, Paris, 1976.

